



Contribuições de uma abordagem funcionalista para a prática de análise linguística em ambiente escolar

Cristiane Malinoski Pianaro Angelo

*Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil.
E-mail: malinoskicristiane@uol.com.br*

RESUMO. Este artigo recupera alguns postulados básicos do funcionalismo, mais especificamente do Funcionalismo da Costa-Oeste dos Estados Unidos, e discute algumas implicações dessa abordagem para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. Ilustram-se as reflexões com algumas propostas de análise linguística do gênero receita culinária, destinadas a alunos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos), as quais se encontram fundamentadas em dois dos temas centrais do funcionalismo: a iconicidade e a gramaticalização. As discussões apontam que, no esteio dos conceitos de iconicidade e gramaticalização sugeridos pelo funcionalismo, as atividades de análise linguística em sala de aula de língua materna contribuem para demonstrar ao aluno que a gramática da língua é heterogênea, maleável e determinada pelo uso que lhe é dado nas interações comunicativas diárias.

Palavras-chave: iconicidade, gramaticalização, gênero receita culinária, ensino fundamental.

Contributions from a functional approach towards a practice of linguistic analysis in the school environment

ABSTRACT. Current analysis recovers basic assumptions of functionality, specifically the functionality of the Western Coast of the United States and discusses the implications of the approach in the teaching and learning of Portuguese. Investigation is illustrated by proposals of linguistic analysis of texts featuring cooking recipes, applied to 8th and 9th year students of the Brazilian elementary, based on two central themes of functionality, or rather, iconicity and grammaticalization. Discussions indicate that, within the context of iconicity and grammaticalization concepts suggested by functionality, the activities of linguistic analysis in lessons of the mother language contribute so that students may acknowledge that the grammar of language is heterogeneous, flexible and determined through usage in day-to-day communicative interactions.

Keywords: iconicity, grammaticalization, cooking recipe genre, elementary school.

Introdução

Ao conceber a linguagem como instrumento de interação social entre seres humanos (DIK, 1989), o funcionalismo constitui-se como um conjunto de teorias que, ao contrário das abordagens formalistas, preocupa-se em pôr em exame os vínculos entre as estruturas linguísticas e os contextos em que elas se realizam.

Como as teorias funcionalistas tratam não apenas dos constituintes que se limitam à sentença, mas chegam à análise da instância discursiva, diversos linguistas (ANTONIO, 2005; FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007; NEVES, 2003; OLIVEIRA; CEZARIO, 2007) sugerem procedimentos metodológicos de cunho funcionalista para o tratamento da gramática em sala de aula, isto é, procedimentos de análise e reflexão linguística que privilegiam as funções exercidas pelos elementos gramaticais no contexto comunicativo,

portanto em textos orais e escritos, no contínuo da diversidade de gêneros textuais.

Nessa perspectiva, objetivamos neste artigo recuperar alguns pressupostos básicos do funcionalismo, mais especificamente da perspectiva do Funcionalismo da Costa-Oeste dos Estados Unidos, e discutir algumas implicações dessa abordagem para o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Ilustramos nossas reflexões tomando o gênero textual receita culinária, a partir do qual elencamos e comentamos algumas alternativas de atividades de análise linguística para alunos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos), as quais se encontram fundamentadas em um dois temas centrais do funcionalismo: a iconicidade e a gramaticalização.

Partimos do princípio de que, se o objetivo precípua das aulas de Língua Portuguesa é tornar o aluno um usuário competente da língua, ampliando

suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (BRASIL, 1998), não podemos mais lhe proporcionar exercícios gramaticais isolados, distantes da situação de uso, mas precisamos lhe oferecer atividades contextualizadas que instiguem e desafiem seu espírito crítico, criativo e reflexivo no que diz respeito aos fenômenos que emergem no uso da língua no dia a dia.

O funcionalismo linguístico e suas implicações para o ensino da língua materna

Podem-se constatar duas tendências antagônicas no campo dos estudos da linguagem: a ‘formalista’ – representada pelo descritivismo americano e pelos diversos modelos do gerativismo – que tem como foco a forma linguística, e a ‘funcionalista’, que reúne várias linhas que têm em comum o fato de privilegiar a função exercida pelas formas linguísticas na comunicação.

A tendência formalista, herdando a concepção saussuriana de linguagem, privilegia a visão de língua como sistema, ou seja, como “[...] um conjunto cujos elementos se estruturam num todo organizado” (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 17). Dessa forma, os formalistas buscam estudar a rede de dependências internas em que se estruturam os elementos linguísticos, excluindo os aspectos de ordem pragmático-discursiva inerentes à situação comunicativa real.

Por outro lado, o funcionalismo observa a língua do ponto de vista do contexto da situação extralinguística – o propósito comunicativo, os participantes, o contexto discursivo, concebendo-a, desse modo, “[...] como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical” (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 20). Por considerar o uso das expressões linguísticas na comunicação, a análise linguística de base funcional pressupõe, então, “[...] uma certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico” (NEVES, 1994, p. 113).

Diversos artigos e ensaios, como os de Borges Neto (2004) e Rajagopalan (2004), procuram definir esses modelos, levantar semelhanças e diferenças entre eles, eleger vantagens e desvantagens de cada um deles no rol dos estudos linguísticos atuais, bem como elencar suas possíveis contribuições para as práticas de ensino e aprendizagem da língua materna.

Nesse sentido, Borges Neto (2004), adepto do formalismo, ilustra com uma metáfora interessante as diferenças entre essa abordagem e o funcionalismo, a qual gostaríamos de recuperar nesta discussão. Para esse autor, o conflito pode ser

comparado com a questão de se saber a origem da forma da lâmina do machado. Um funcionalista explica que a lâmina do machado tem a forma que tem porque se destina ao corte de madeira, ou seja, é a função ‘cortar madeira’ que determina o formato da lâmina. Supõe-se, assim, que o primata ancestral, necessitando cortar um pedaço de madeira, procurou um material com características adequadas à tarefa. Ao achar uma pedra em forma de cunha, constatou que essa forma seria a adequada e criou o primeiro machado. Já um formalista explica que é por ter a forma de cunha que o machado serve para cortar madeira. Assim, o primata ancestral deve ter percebido que as pedras em forma de cunha eram adequadas não só para separar a pele dos animais caçados, quebrar castanhas ou moer alimentos, mas também para o corte de madeira, emergindo, portanto, das funções a forma do machado. Borges Neto conclui que

[...] na linguística, a questão é semelhante: a linguagem tem a forma que tem porque é determinada por suas funções? Ou suas funções é que são ‘permitidas’ pela forma? (2004, p. 15, grifo do autor).

Respondendo à questão, o estudioso da linguagem de filiação formalista sustenta que são as formas linguísticas que determinam as funções. Já o linguista funcionalista defende que as expressões linguísticas são modeladas pelas determinações pragmáticas da interação comunicativa, ou seja, pela multiplicidade funcional da linguagem.

Sem pretensão de arrolar argumentos para instigar a polêmica, Rajagopalan, partidário do funcionalismo, reconhece que a questão é mais de ordem sociopolítica, de momento histórico, do que de ordem epistemológica:

É importante entender como o debate sobre a pergunta: ‘O que vem primeiro: a forma ou a função?’ acaba se transformando numa questão política. No campo da linguística, os atuais formalistas são aqueles que pleiteiam, de forma intransigente, a autonomia da sintaxe, da mesma forma que os funcionalistas, com igual paixão e intransigência, apostam na impossibilidade de sustentar a tese da autonomia (RAJAGOPALAN, 2004, p. 29, grifo do autor).

Para o autor, não é possível arguir em defesa de um ou de outro lado, como se forma e função fossem incompatíveis:

O que é importante perceber neste caso é que a forma necessariamente evoca a ideia de função e vice versa [...] a forma e a função são atributos inalienáveis de qualquer sistema (RAJAGOPALAN, 2004, p. 27-28).

No entanto, ao aproximar a linguística da prática cotidiana da sala de aula, Neves (2003), Furtado da Cunha e Tavares (2007) e Oliveira e Cezario (2007) afirmam que são os constructos teóricos de origem funcionalista que podem oferecer contribuições mais significativas para o tratamento dos aspectos gramaticais da Língua Portuguesa. Neves (1994, p. 126) ressalta que a caracterização da concepção de linguagem defendida pela abordagem funcionalista é sua natureza não somente funcional, mas também dinâmica, uma vez que “[...] reconhece, na instabilidade da relação entre estrutura e função, a força dinâmica que está por detrás do constante desenvolvimento da linguagem”. Assim sendo, o funcionalismo contribui para uma percepção mais ampla acerca do fenômeno linguístico, ao privilegiar a atividade linguística real e autêntica, com textos produzidos em situações cotidianas orais ou escritas – diferentemente da abordagem formalista, que focaliza tão-somente a própria estrutura linguística, desvinculada de todas as influências que cercam sua produção e recepção. Também Furtado da Cunha e Tavares destacam a necessidade de um ensino de língua que leve em conta o funcionamento da língua nas interações comunicativas:

A língua é determinada pelas situações de comunicação real, em que falantes reais interagem e, conseqüentemente, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, p. 157).

Definir o ‘funcionalismo’ é tarefa complexa, conforme explica Neves (1997), visto que as várias abordagens consideradas funcionalistas não são, em geral, identificáveis por rótulos teóricos, mas por meio dos nomes dos teóricos que as desenvolveram. Ela ainda acrescenta que, segundo Nichols (1984), há um funcionalismo conservador, um funcionalismo extremado e um funcionalismo moderado:

O tipo conservador apenas aponta a inadequação do formalismo ou do estruturalismo, sem propor uma análise da estrutura. O tipo moderado não apenas aponta essa inadequação, mas vai além, propondo uma análise funcionalista da estrutura. O funcionalismo extremado nega a realidade da estrutura como estrutura, e considera que as regras se baseiam internamente na função, não havendo, pois, restrições sintáticas (NEVES, 1997, p. 55-56).

Sintetizando o pensamento básico das teorias funcionalistas, Neves (1997) esclarece que qualquer uma das abordagens funcionalistas tem como

preocupação básica examinar o modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente, pondo-se sob exame a competência comunicativa, expressão utilizada por Hymes (1974), para fazer referência à

[...] capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória (NEVES, 1997, p. 15).

Neste trabalho, focalizamos a perspectiva do funcionalismo da Costa-Oeste dos Estados Unidos, a qual se refere a um movimento que surgiu na década de 1970 a partir dos trabalhos de um grupo de pesquisadores, em sua maioria da Califórnia, como Givón, Thompson, Chafe e Hopper. Segundo Antonio (2009, p. 72), embora há diferenças entre as abordagens utilizadas por esses pesquisadores e não haja um modelo de gramática ou uma teoria criada pelo grupo, “[...] todos rejeitam explicações formalistas para o estudo da língua e investigam a relação entre discurso e gramática”. No Brasil, pesquisadores como Furtado da Cunha et al. (2003) e Martelotta e Areas (2003) destacam-se nos trabalhos com os pressupostos do funcionalismo da Costa-Oeste dos Estados Unidos, discutindo princípios como iconicidade e gramaticalização.

No âmbito dos estudos funcionalistas, a iconicidade é definida como a correlação natural e motivada entre forma e função, ou seja, entre o código linguístico e o conteúdo (FURTADO DA CUNHA, 2008; NEVES, 1997), questionando, desse modo, o dogma da arbitrariedade, proposto pela linguística estrutural, que dissocia, no signo linguístico, o significante daquilo que ele evoca conceitualmente, o significado.

O princípio da iconicidade, ou da motivação linguística, desdobra-se em três subprincípios, os quais são apresentados por Givón na obra *Syntax I* (1984). Esses subprincípios relacionam-se à quantidade de informações, ao grau de integração dos constituintes da expressão e do conteúdo e à ordenação linear dos segmentos.

De acordo com o subprincípio da quantidade, quanto maior o volume de informação, maior a quantidade de forma, de tal maneira que a estrutura da construção gramatical sugere a estrutura do conceito que ela expressa. No exemplo a seguir, a repetição do verbo cavar fornece evidência favorável a esse subprincípio:

O socorro

Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão - coveiro - era cavar.

Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais.

Tentou sair da cova e não conseguiu. Levantou o olhar para cima e viu que, sozinho, não conseguiria sair. Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite. Sentou-se no fundo da cova, desesperado [...] (MILLÔR FERNANDES, 2012, não paginado).

No início do texto, o narrador usa uma quantidade maior de formas linguísticas (repete três vezes o verbo cavar) para reforçar a ação iterativa de cavar e a quantidade de tempo que o personagem levou para cavar, refletindo uma relação motivada entre o significado (quantidade/tempo relacionados ao verbo cavar) e a forma (repetição do verbo que expressa a ação de cavar). A atuação desse subprincípio pode ser observada também, segundo Furtado da Cunha (2008), na extensão das palavras: palavras derivadas, mais extensas, veiculam maior quantidade de informações conceituais em comparação com as palavras de que se originam. É o que se pode perceber nas palavras ‘coveiro’, ‘enrouquecer’ e ‘esbravejar’ que apresentam um volume maior de forma em comparação com as palavras primitivas (cova, rouco, bravo), já que veiculam maior quantidade de informação: coveiro, por exemplo, é o indivíduo que abre covas para enterrar os mortos, sendo uma expressão mais complexa que a palavra primitiva.

O princípio da iconicidade relaciona-se também à ordem dos segmentos no encadeamento sintático. Tomando-se o exemplo anterior, pode-se perceber que a disposição das orações do texto narrativo reflete a sequência temporal em que as ações ocorreram: primeiro o personagem cavou, depois percebeu que cavou demais, em seguida tentou sair da cova e não conseguiu, na sequência percebeu que não conseguiria sair sozinho, gritou, gritou mais forte, enrouqueceu de gritar etc. Essas orações não poderiam ser postas em posições diferentes daquelas em que se encontram, já que inversões provocariam um desordenamento das ideias. Ainda, segundo o subprincípio da ordenação linear, a informação mais urgente, previsível e imprescindível tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de maneira que a ordenação dos elementos no enunciado indica a sua ordem de importância para o falante (FURTADO DA CUNHA et al., 2003). Podem-se citar, como exemplo, os textos instrucionais, nos quais os verbos, que expressam as ações a serem desenvolvidas, normalmente são o elemento inicial nas sentenças, pois demandam maior atenção no fluxo discursivo.

O subprincípio da integração prevê que os conteúdos que estão mais próximos no plano mental são colocados juntos sintaticamente no ato comunicativo. Wilson e Martelotta (2008) explicam

isso lembrando o fato de os adjetivos estarem sempre ao lado dos substantivos a que se referem, como no sintagma nominal ‘calça curta’. Ao pensarmos na entidade ‘calça’, imediatamente acionamos suas características inerentes, como seu tamanho. Se os conceitos entidade e tamanho estão próximos no sentido, não é estranho que se mantenham lado a lado na frase.

Ampliando a discussão sobre o princípio da iconicidade, Oliveira e Cezario esclarecem que

[...] não queremos dizer que não haja arbitrariedade linguística, mas sim que, ao produzir uma situação discursiva, fazemos escolhas lexicais e estruturais de acordo com os nossos objetivos para tentarmos conseguir sucesso na comunicação (2007, p. 97).

Exemplificando a questão, as autoras mencionam os textos argumentativos em que o autor, para defender o seu ponto de vista e convencer o interlocutor, precisa valer-se de muitos e bons argumentos, e as narrativas de viagens que são ricas em detalhes e apresentam forte adjetivação para que o interlocutor faça um quadro mental mais próximo da realidade experienciada pelo locutor.

A questão da iconicidade contribui, então, para que possamos perceber que o usuário da língua, em qualquer manifestação linguística, oral ou escrita, compõe seu discurso considerando as diversas finalidades ou propósitos comunicativos, ou seja, “[...] há motivação para a forma de um texto ser do jeito que é [...]” (OLIVEIRA; CEZARIO, 2007, p. 11).

Outro tema bastante discutido pelos funcionalistas refere-se ao processo que exprime o aspecto não-estático, do contínuo fazer-se da gramática: a gramaticalização. Com inspiração em Givón (1995) e Hopper (1998), Furtado da Cunha e Tavares (2007, p. 159) ressaltam que o princípio da gramaticalização “[...] decorre da compreensão funcionalista de gramática como mecanismo mutável e instável, moldado pelo uso, pois sujeito a pressões comunicativas e cognitivas [...]”, contribuindo, dessa forma, para uma concepção mais dinâmica do funcionamento da língua.

Segundo Furtado da Cunha et al. (2003), o termo gramaticalização designa dois processos relacionados: a gramaticalização *stricto sensu*, que se refere à mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática, e a gramaticalização *lato sensu* que corresponde às mudanças que se dão no interior da própria gramática. Consiste em gramaticalização *stricto sensu*, por exemplo, a trajetória de substantivos e verbos para conjunções, como acontece com o verbo ‘querer’, empregado como conjunção alternativa em ‘De qualquer jeito, ‘quer’

viagem de carro, 'quer' de avião, ele vai' ou com o item 'logo', que no português arcaico tinha valor de substantivo (*loco* – lugar) e atualmente costuma ser utilizado como conjunção conclusiva em cláusulas como 'Eu estudei matemática, 'logo' posso lhe ajudar a entender os números'. Para ilustrar a gramaticalização *lato sensu*, pode-se citar a trajetória de advérbios para conjunções, como ocorre com o advérbio 'já' que assume a função funcional de conjunção adversativa em construções como 'Maria fez a tarefa direitinho, 'já' Joãozinho...'

O princípio da gramaticalização evidencia a necessidade de se considerar nas práticas pedagógicas a imensa mobilidade das classes gramaticais.

Para tanto, é preciso ir além do tratamento tradicional, fundamentado na concepção aristotélica, segundo a qual as classes gramaticais apresentam-se discretas, estáticas, absolutas e bem definidas, com contornos nítidos e sem hierarquização de seus constituintes; tal como lidamos, por exemplo, com substantivo, verbo, adjetivo, pronome, entre outros, como conjuntos fechados, sem interseções, sem difusões. De outro modo, é preciso considerar essas classes em seu *continuum*, no entendimento de que cada qual constitui um conjunto irregular, relativo e impreciso, dinamicamente organizado, cujos traços constitutivos não são partilhados igualmente por todos os seus membros (OLIVEIRA; CEZARIO, 2007, p. 8-9).

Isso significa que o professor precisa estar atento não só aos preceitos da gramática tradicional, mas também às questões marginais, de migração categorial (como do verbo 'ir', usado como auxiliar), não discutidos na abordagem convencional, mas que muitas vezes são bastante comuns nas situações interativas cotidianas.

Entendemos, assim, que, nas situações de ensino e aprendizagem da língua, o professor, lançando mão dos estudos a respeito de iconicidade e gramaticalização, pode encontrar alternativas mais eficazes e criativas para o tratamento da gramática nas aulas de Língua Portuguesa nos níveis Fundamental e Médio, propiciando uma aproximação mais positiva entre o aluno e a língua. Para isso, conforme apontam Furtado da Cunha e Tavares (2007), a análise e reflexão dos tópicos gramaticais deve se dar em textos orais e escritos, de gêneros variados, pois eles representam em si o objeto mais apropriado para o estudo da língua.

A gramática existe somente quando utilizada, uma vez que as relações entre formas e funções gramaticais dependem da gama de fatores que interferem a cada interação comunicativa oral e escrita (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, p. 157).

Na mesma linha de raciocínio, Decat (2008) destaca a necessidade de uma abordagem funcionalista para o estudo dos processos da língua em uso, considerando a variabilidade da língua e a variabilidade dos textos, no contínuo dos gêneros textuais. Ao comungar a ideia de Givón (1984) de que as propriedades sintáticas emergem do discurso, a autora defende a indissociabilidade entre a forma e as funções discursivo-pragmáticas exigidas pelos gêneros. Nesse sentido, é de suma importância que o tratamento dos tópicos gramaticais nas aulas de Língua Portuguesa encontre-se relacionado ao estudo de gêneros textuais para que, assim, o aluno apreenda a função que os vários recursos do sistema formal da língua assumem na comunicação discursiva e, desse modo, passe a utilizá-los com maior eficiência.

O gênero receita culinária na sala de aula: algumas alternativas à luz do funcionalismo

Discorremos nesta seção acerca de algumas possibilidades de práticas de análise linguística com o gênero receita culinária com alunos das séries finais do Ensino Fundamental (8º e 9º anos), tendo em vista as contribuições da abordagem funcionalista da linguagem.

A receita culinária é uma manifestação do tipo textual injuntivo, próprio ao estabelecimento de orientações, regras e ordens (DECAT, 2008). Caracterizando a dimensão social do gênero, constata-se que o autor (algumas vezes não identificado e outras vezes, um especialista) é uma pessoa que sabe preparar determinado alimento e pretende ensinar como fazê-lo; o leitor é alguém que deseja aprender a fazer o alimento; a finalidade é levar o destinatário ou cozinheiro a obter sucesso no preparo de um prato culinário; tem-se como local de publicação os jornais e revistas, os *sites*, os livros e cadernos de receitas e embalagens de produtos. Quanto aos aspectos composicionais, constata-se que o gênero receita culinária apresenta: o nome da receita a ser preparada, a lista de ingredientes (escrita na vertical) e o modo de fazer (escrita na horizontal), contendo a sequência dos procedimentos que devem ser seguidos no preparo do alimento. Essa estrutura básica pode apresentar variações, por exemplo, no caso de receitas que apresentam o nome e um único agrupamento que contém o modo de fazer e os ingredientes.

Selecionamos a seguir a receita 'Pavê delicioso', retirado de um caderno pessoal de receitas, para a qual elencamos algumas atividades de análise linguística:

Pavê delicioso
Ingredientes
2 colheres (sopa) de manteiga ou margarina
3 latas de leite condensado

8 colheres (sopa) de achocolatado
1 pacote de biscoito doce quebrados grosseiramente
açúcar de confeiteiro

Modo de preparo

Unte uma assadeira retangular (40 cm X 34 cm) com manteiga ou margarina. Em uma panela em fogo médio, coloque 2 colheres (sopa) de manteiga ou margarina, 3 latas de leite condensado e 8 colheres (sopa) de achocolatado. Aumente o fogo e mexa, mexa, mexa... até soltar do fundo da panela (+/- 15 minutos). Abaixar o fogo. Salpique os biscoitos quebrados. Misture. Desligue o fogo. Despeje tudo na assadeira untada. Deixe esfriar. Depois de frio, corte em quadrados do tamanho desejado. Passe no açúcar de confeiteiro.

Bloco 1 de atividades

- Observando os ingredientes do 'Pavê delicioso', pode-se dizer que a ordenação dos itens obedece a algum critério? Eles poderiam ser expostos de outra maneira? Comente.

- E quanto ao 'modo de preparo', as orações são ordenadas de modo aleatório ou obedecem a algum critério? Justifique.

- O que predomina no desenvolvimento das instruções: períodos simples ou períodos compostos? Por quê?

- Percebe-se que os períodos que formam o modo de preparo são separados por pontos. Esses pontos são necessários? Comente.

- Quanto ao uso das formas verbais, observe:

- Em que lugar da oração os verbos aparecem? Justifique sua resposta.

- Por que razão o verbo mexer encontra-se repetido três vezes no modo de preparo?

- A receita a seguir foi retirada de um caderno escolar de um aluno de 5º ano do Ensino Fundamental. Atendendo a solicitação da professora, o aluno registrou uma receita que a mãe fazia constantemente em casa. Compare-a com a receita do 'Pavê delicioso' e analise as diferenças quanto à organização e à escolha das palavras.

Receita de Nega-Maluca

primeiro eu coloco 1 xícara de Nescau, aí uma xícara de açúcar e uma xícara de azeite e uma xícara de trigo, aí eu vou colocar uma xícara de água quente (não muito) e aí vou misturar e aí coloco três ovos e royal e asso por uns 40 minutos.¹

Por meio das cinco primeiras questões, torna-se possível discutir com os alunos uma especificidade do gênero receita, que é a iconicidade na organização dos elementos da lista de ingredientes e das orações do modo de preparo.

Os ingredientes são expostos, não aleatoriamente, mas conforme a ordem de utilização na montagem da receita: primeiro a manteiga, depois o leite condensado, em seguida o achocolatado etc. Do mesmo modo, a distribuição das orações no texto reflete a sequência cronológica das ações descritas, correspondendo a cada etapa da receita e especificando, desse modo, a ordem de elaboração do alimento. Essa forma de organização consiste numa facilidade para o leitor, contribuindo para que ele não se esqueça de utilizar algum dos itens elencados, o que poderia ocasionar resultados inesperados na finalização da receita.

Ainda sobre o subprincípio da ordenação linear,

a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que a ordem dos elementos do enunciado revela a sua ordem de importância para o falante (MARTELOTTA; AREAS, 2003).

No caso da receita culinária, observa-se que, no 'modo de preparo', o emprego do verbo no início das orações tem motivação icônica: os verbos retratam as ações necessárias para a elaboração da iguaria e por isso ocupam a posição inicial na oração. Por força da função instrucional a que se presta o gênero, as formas verbais em 'Pavê delicioso' aparecem no modo imperativo, procurando, assim, direcionar as ações do interlocutor para prepará-lo (DECAT, 2008; PISCIOTTA, 2001). Ainda no tocante aos verbos, nota-se a repetição da estrutura 'mexa, mexa, mexa', no modo de preparo – refletindo a atuação do subprincípio da quantidade – que revela o desejo do autor de expressar a necessidade de que a ação seja realizada de modo intensivo e iterativo.

Saliente-se ainda que em 'Pavê delicioso', como nas demais receitas culinárias, predominam os períodos simples, materializados pelas chamadas orações absolutas, sendo que cada período, separado do outro por ponto, indica uma etapa do processo de preparo do prato.

A última atividade do bloco é bastante significativa para o trabalho com o conceito funcionalista de gramaticalização. Diferentemente do que ocorre nas abordagens tradicionais da gramática em sala de aula, que observam a modalidade oral da língua como o lugar dos 'erros', de forma que os desvios na escrita são tratados como interferências errôneas da fala, os pressupostos funcionalistas contribuem para demonstrar que as formações decorrentes de gramaticalizações, como 'aí' e 'vou colocar', presentes na 'Receita de Nega-Maluca', são naturais e dizem respeito à renovação constante da gramática.

¹Esse texto, coletado em 2010, faz parte do banco de dados do Grupo de Pesquisa 'Interação e ensino' (<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=3428801DNU4FPW>).

Na ‘Receita de Nega-Maluca’, o item ‘aí’, considerado apenas um advérbio de lugar em muitos livros didáticos, consiste em um caso de gramaticalização *stricto sensu*. Conforme Furtado da Cunha e Tavares (2007, p. 161), ‘e’, ‘aí’ e ‘daí’ são bastante empregados como conectores coordenativos e, nesse papel, “[...] atuam na sinalização de continuidade e consonância entre segmentos dos textos, caracterizando, portanto, um caso de sobreposição funcional”.

Tomando-se o quadro dos conectores coordenativos apontados pela gramática tradicional (‘portanto’, ‘por conseguinte’, ‘logo’) bem como os conectores bastante recorrentes em textos orais informais (como ‘daí’ e ‘aí’), o professor pode refletir com o aluno o que é um conector, que função desempenha na língua, em que contexto cada conector pode ser empregado, propiciando, assim, a chance de ele entrar em contato com modos diversos de realizar a articulação textual.

Na ‘Receita de Nega-Maluca’ o emprego do verbo *ir* como auxiliar, expressando tempo futuro (‘vou misturar’; ‘vou colocar’), também constitui processo de gramaticalização, neste caso gramaticalização *lato sensu*, uma vez que se refere ao desenvolvimento de um verbo pleno (*ir* - indicador de movimento) em auxiliar (*ir* - marcador de tempo futuro). Oliveira e Cezario (2007, p. 103) destacam que o uso de ‘*ir*’ como auxiliar constitui

[...] uma renovação de nossa gramática, pois a forma de marcar o futuro na língua oral, ao invés de ser a expressão morfológica, sintética, como os morfemas *ra/re* (cantará/cantaremos), é articulada, em geral, por uma construção analítica: *ir* + verbo no infinitivo (*vou cantar*).

A escrita, por ser mais conservadora em relação à fala, conserva a estrutura verbal com os morfemas *ra/re*, que não são mais usados oralmente, ou são empregados apenas em situações mais formais.

Esses processos de gramaticalização evidenciam que a gramática do português não é estática e que a modalidade oral não é uma deturpação da modalidade escrita. Cabe ao professor desenvolver atividades que, tendo em vista a variação linguística presente em textos reais, falados e escritos, possam levar o aluno a entender a adequação de determinados usos linguísticos em determinadas situações, isto é, a língua como acontece no dia a dia (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007).

Bloco 2 de atividades

O que predominam na receita ‘Pavê delicioso’: substantivos concretos ou substantivos abstratos? Essa predominância se aplica a outras receitas culinárias? Comente.

Você deve ter percebido que na lista de ingredientes e no modo de preparo da receita ‘Pavê delicioso’, encontramos somente substantivos comuns – aqueles que se aplicam a qualquer elemento de uma classe. No entanto, em embalagens de produtos alimentícios, como de farinha de trigo, fermento em pó, amido de milho, podemos encontrar alguns substantivos próprios. Por quê?

Na maioria das gramáticas escolares, os adjetivos são definidos como palavras que qualificam os substantivos. Discuta a validade desse conceito, analisando os adjetivos que aparecem na receita ‘Pavê delicioso’.

Observe um caderno (ou um site) de receitas culinárias e faça um levantamento dos adjetivos e locuções adjetivas que aparecem nesse gênero textual. Verifique se esses adjetivos qualificam os substantivos, ou seja, atribuem uma qualidade, ou se classificam os substantivos.

Nome da receita	Adjetivos qualificadores	Adjetivos classificadores
Ex: Rocambole	Fácil (é fácil de fazer!)	

Os adjetivos podem ser intensificados por meio de um sufixo ou por meio da anteposição de um advérbio (por exemplo: muito, bem). Verifique quais adjetivos do exercício anterior podem ser intensificados.

Observando a receita ‘Pavê delicioso’ e outras que você pesquisou, discuta: qual a importância dos adjetivos qualificadores e dos adjetivos classificadores nas receitas culinárias? Que tipo de adjetivos predomina nas receitas culinárias?

A partir da discussão a respeito da iconicidade, a abordagem das classes de palavras, tratadas na escola como compartimentos estanques, sem vinculação com a situação comunicativa, pode ganhar contornos mais significativos, ao se analisar o comportamento das categorias gramaticais no uso comunicativo, inseridas em um gênero textual.

Desse modo, tomando-se as propriedades semânticas dos substantivos, definidas por Lyons (1977), pode-se debater que as palavras pertencentes a essa classe funcionam como um instrumento da língua usado pelo falante para dirigir a atenção do interlocutor para alguma entidade a que ele pretende fazer referência, sendo essa de primeira ordem (indivíduos – pessoas, animais, coisas), de segunda ordem (estado de coisas – ações, estados, processos), de terceira ordem (entidades abstratas: crenças,

expectativas, julgamentos) ou de quarta ordem (ilocuções que caracterizam os atos de fala – declarações, perguntas, exclamações). Assim, por se tratar de manifestação textual de tipologia injuntiva, destinada a instruir o interlocutor a fazer uso de determinadas coisas/alimentos no preparo da iguaria, no gênero receita culinária, os substantivos – predominantes na lista de ingredientes – são concretos (biscoito, manteiga, açúcar, leite), referindo-se a entidades de existência independente, entidades de primeira ordem, as quais, segundo Camacho et al. (2008), apresentam as seguintes características:

- (i) sob condições normais, são relativamente constantes quanto a suas propriedades perceptuais;
- (ii) são localizadas em algum ponto no tempo e no espaço;
- (iii) são observáveis publicamente;
- (iv) podem ser avaliadas em termos de sua existência (CAMACHO et al., 2008, p. 32).

Ainda, quanto a essa mesma classe, no gênero receita, os substantivos são, em sua maioria, comuns (biscoito, manteiga, açúcar, leite), isto é, “[...] denominam, em traços gerais, a classe de entidades à qual pertence o seu referente” (CAMACHO et al., 2008, p. 32). Nesse sentido, a designação de uma entidade como ‘biscoito’ sugere que essa entidade apresenta um feixe de características que a define como pertencente à classe dos biscoitos. Já a presença de substantivos próprios em receitas culinárias encontra-se restrita nos casos em que o gênero é veiculado em embalagens de produtos, quando os termos ao fazerem “[...] designação individual dos elementos a que se referem, identificando um referente único com identidade distinta dos demais referentes” (CAMACHO et al., 2008, p. 46), funcionam como uma espécie de propaganda de algum produto, persuadindo o interlocutor a usar/comprar um ingrediente em específico.

No que se refere ao trabalho com os adjetivos, em primeiro lugar, torna-se fundamental provocar reflexões em sala de aula a respeito da validade ou não de determinados conceitos expostos na gramática tradicional, testando-os face aos dados linguísticos para constatar se eles descrevem ou não a estrutura e/ou funcionamento da língua em relação ao elemento em foco. Questionando o rigor dos conceitos expostos na gramática e reproduzidos nas aulas de Língua Portuguesa, Neves argumenta:

[...] aprendemos durante a vida toda que adjetivo é a palavra que qualifica o substantivo. Como ocorre com tudo o que se aprende de ‘gramática’ na escola, ninguém nos desafiou a pôr essa definição à prova (NEVES, 2010, p. 178).

Nessa perspectiva, tomando-se a receita ‘Pavê delicioso’, poderíamos perguntar: no início do modo de preparo, qual a qualidade que está sendo conferida ao substantivo ‘assadeira’, quando ele se articula com o adjetivo ‘retangular’? De fato, ‘retangular’ é adjetivo classificador, porque restringe o conceito àquela assadeira que tem o formato de retângulo. De forma diferente ocorre em ‘pavê delicioso’, em que ‘delicioso’ atribui, agora sim, uma qualidade (no caso, positiva) ao pavê.

Constata-se que no gênero receita culinária são mais comuns os adjetivos classificadores, para especificar ao interlocutor as propriedades que devem ter um determinado ingrediente a ser utilizado, por exemplo, ‘condensado’ (leite condensado), ‘doce’ (biscoito doce), ‘de confeitiro’ (açúcar de confeitiro). Os adjetivos qualificadores, em menor número, aparecem nos títulos das receitas ou na parte final, quando o autor pretende ressaltar as qualidades positivas do prato: ‘Receita de torta fácil’; ‘Mousse super rápida de limão’; ‘Fica saboroso e fresquinho!’.

Considerações finais

Para o funcionalismo, não são as expressões linguísticas em si que interessam, mas as funções que elas exercem nos contextos de uso. Por isso, é nos textos que um falante concreto produz, em uma situação real de comunicação, em condições específicas de interação, que se deve dar a abordagem dos tópicos da gramática da Língua Portuguesa.

O trabalho com gêneros surge, nessa perspectiva, como uma alternativa para se discutir em sala de aula como as relações entre regularidades linguísticas e funções dependem de uma série de elementos que interferem na prática comunicativa diária. No esteio dos conceitos de iconicidade e gramaticalização propostos pelo funcionalismo, as atividades de análise linguística contribuem, assim, para demonstrar ao aluno que a gramática da língua é heterogênea, maleável e determinada pelo uso que lhe é dado nas interações comunicativas diárias.

Referências

- ANTONIO, J. D. Algumas contribuições do funcionalismo e da linguística textual para o ensino de gramática na escola. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 27, n. 1, p. 1-6, 2005.
- ANTONIO, J. D. O texto como objeto de estudo na Linguística Funcional. In: ANTONIO, J. D.; NAVARRO, P. (Org.). *O texto como objeto de ensino, de descrição linguística e de análise textual e discursiva*. Maringá: Eduem, 2009. p. 61-80.

- BORGES NETO, J. Formalismo vs Funcionalismo nos estudos lingüísticos. **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 15-24.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMACHO, R. G.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.; GONÇALVES, S. C. L. O substantivo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Ed.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: classes de palavras e processos de construção. Campinas: Unicamp, 2008. p. 865-931.
- DECAT, M. B. N. A relevância da investigação dos processos lingüísticos, numa abordagem funcionalista, para os estudos sobre os gêneros textuais. In: ANTONIO, J. D. (Org.). **Estudos descritivos do português**: história, uso, variação. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 173-191.
- DIK, S. **The theory of functional grammar**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.
- FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.
- FURTADO DA CUNHA, A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (Ed.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A, 2003. p. 29-55.
- FURTADO DA CUNHA, A.; TAVARES, M. A. Ensino de gramática com base no texto: subsídios funcionalistas. **Ariús: Revista de Ciências Humanas e Artes**, v. 13, n. 2, p. 156-162, 2007.
- GIVÓN, T. **Syntax I**. New York: Academic Press, 1984.
- GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam: John Ben-jamins, 1995.
- HOPPER, P. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). **The new psychology of language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. v. 1, p. 155-176.
- HYMES, D. **Foundations in Sociolinguistics**. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1974.
- LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A, 2003. p. 17-28.
- MILLÔR FERNANDES. **O socorro**. Disponível em: <<http://www.citador.pt/textos/o-socorro-millor-fernandes>>. Acesso em 25 out., 2012.
- NEVES, M. H. M. Uma visão geral da gramática funcional. **Alfa**, v. 38, p. 109-127, 1994.
- NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.
- NEVES, M. H. M. Linguagem e ação escolar. Alguns aspectos da gramática de usos na escola. In: NEVES, M. H. M. (Ed.). **Ensino de língua e vivência de linguagem**. Temas em confronto. São Paulo: Contexto, 2010. p. 171-196.
- NICHOLS, J. Functional theories of grammar. **Annual Review of Anthropology**, n. 43, p. 97-117, 1984.
- OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M.; PCN à luz do funcionalismo lingüístico. **Revista Linguagem e Ensino**, v. 10, n. 1, p. 87-108, 2007.
- PISCIOTTA, H. Análise linguística: do uso para a reflexão. In: BRITO, E. V.; MATTOS, J. M.; PISCIOTTA, H. (Org.). **PCNs de língua portuguesa**: a prática em sala de aula. São Paulo: Arte e Ciência, 2001. p. 93-128.
- RAJAGOPALAN, K. Formalismo vs. Funcionalismo: sobre as premissas ocultas dessa polêmica. **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 25-33.
- WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 71-85.

Received on April 18, 2012.

Accepted on February 18, 2013.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.